

Leitos de UTI para Covid-19

Fronte ao rápido aumento de número de casos de Covid-19 no Brasil, no contexto da variante Ômicron, as taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no SUS continuam a mostrar um quadro de piora no país, mesmo com a reativação de leitos em diversas unidades da Federação. Entre os dias 17 e 24 de janeiro foram registrados acréscimos no número de leitos de UTI SRAG/Covid-19 para adultos no Tocantins (87 para 100), Maranhão (152 para 176), Piauí (144 para 151), Ceará (238 para 328), Pernambuco (952 para 991), Alagoas (143 para 162), Bahia (545 para 580), Minas Gerais (2.102 para 2.120), Rio de Janeiro (1.378 para 1.438), Paraná (477 para 594), Mato Grosso do Sul (129 para 143), Mato Grosso (160 para 201), Goiás (173 para 187) e Distrito Federal (42 para 56).

As taxas de ocupação pioraram, com um aumento de pelos menos cinco pontos percentuais em 12 unidades da Federação: Rondônia (54% para 65%), Acre (25% para 45%), Roraima (60% para 70%), Pará (63% para 76%), Amapá (45% para 69%), Piauí (67% para 82%), Rio Grande do Norte (65% para 83%), São Paulo (49% para 66%), Paraná (56% para 61%), Rio Grande do Sul (49% para 57%), Mato Grosso do Sul (65% para 80%) e Distrito Federal (74% para 98%). Mas observou-se melhora, com a adição de leitos, nas taxas do Maranhão (60% para 57%), Pernambuco (86% para 81%) e Mato Grosso (84% para 78%).

Pernambuco (81%), Espírito Santo (80%) e Goiás (82%) se mantiveram na zona de alerta crítico, juntando-se a eles Piauí (82%), Rio Grande do Norte (83%), Mato Grosso do Sul (80%) e Distrito Federal (98%). Na zona de alerta intermediário permaneceram Amazonas (75%), Roraima (70%), Pará (76%), Tocantins (77%), Ceará (75%) e Bahia (67%) e entraram Rondônia (65%), Amapá (69%), Rio de Janeiro (62%), São Paulo (66%) e Paraná (61%), que estavam fora da zona de alerta. Mato Grosso (78%) deixou a zona de alerta crítico e também ingressou na zona de alerta intermediário. Fora da zona de alerta mantiveram-se Acre (45%), Paraíba (28%), Alagoas (53%), Sergipe (25%), Minas Gerais (28%), Santa Catarina (53%) e Rio Grande do Sul (57%), somando-se o Maranhão (57%), que deixou a zona de alerta intermediário. Das 27 unidades da Federação, 6 estados e o Distrito Federal estão na zona de alerta crítico, 12 estados estão na zona de alerta intermediário e 8 estão fora da zona de alerta.

Entre as 25 capitais com taxas divulgadas, 9 estão na zona de alerta crítico: Porto Velho (89%), Rio Branco (80%), Macapá (82%), Fortaleza (93%), Natal (percentual estimado de 89%), Belo Horizonte (95%), Rio de Janeiro (98%), Cuiabá (89%) e Brasília (98%). Catorze estão na zona de alerta intermediário: Manaus (75%), Boa Vista (70%), Palmas (69%), São Luís (64%), Teresina (percentual estimado em 79%), Maceió (65%), Salvador (67%), Vitória (77%), São Paulo (71%), Curitiba (71%), Florianópolis (69%), Porto Alegre (60%), Campo Grande (79%) e Goiânia

(75%). João Pessoa (34%) e Recife (43%) estão fora da zona de alerta, sublinhando-se que o dado da capital pernambucana está baseado estritamente no cômputo de leitos municipais.

Como já destacado em outros momentos, os dados do Rio Grande do Sul e Porto Alegre consideram todo o conjunto de leitos de UTI do SUS, não sendo provida uma taxa específica de ocupação de leitos SRAG/Covid-19. Vale enfatizar que na última semana não somente a taxa de ocupação global de leitos de UTI no estado cresceu, como também a participação de internações de suspeitos ou confirmados com Covid-19 entre as internações em UTI – de 21,7% para 41,4%.

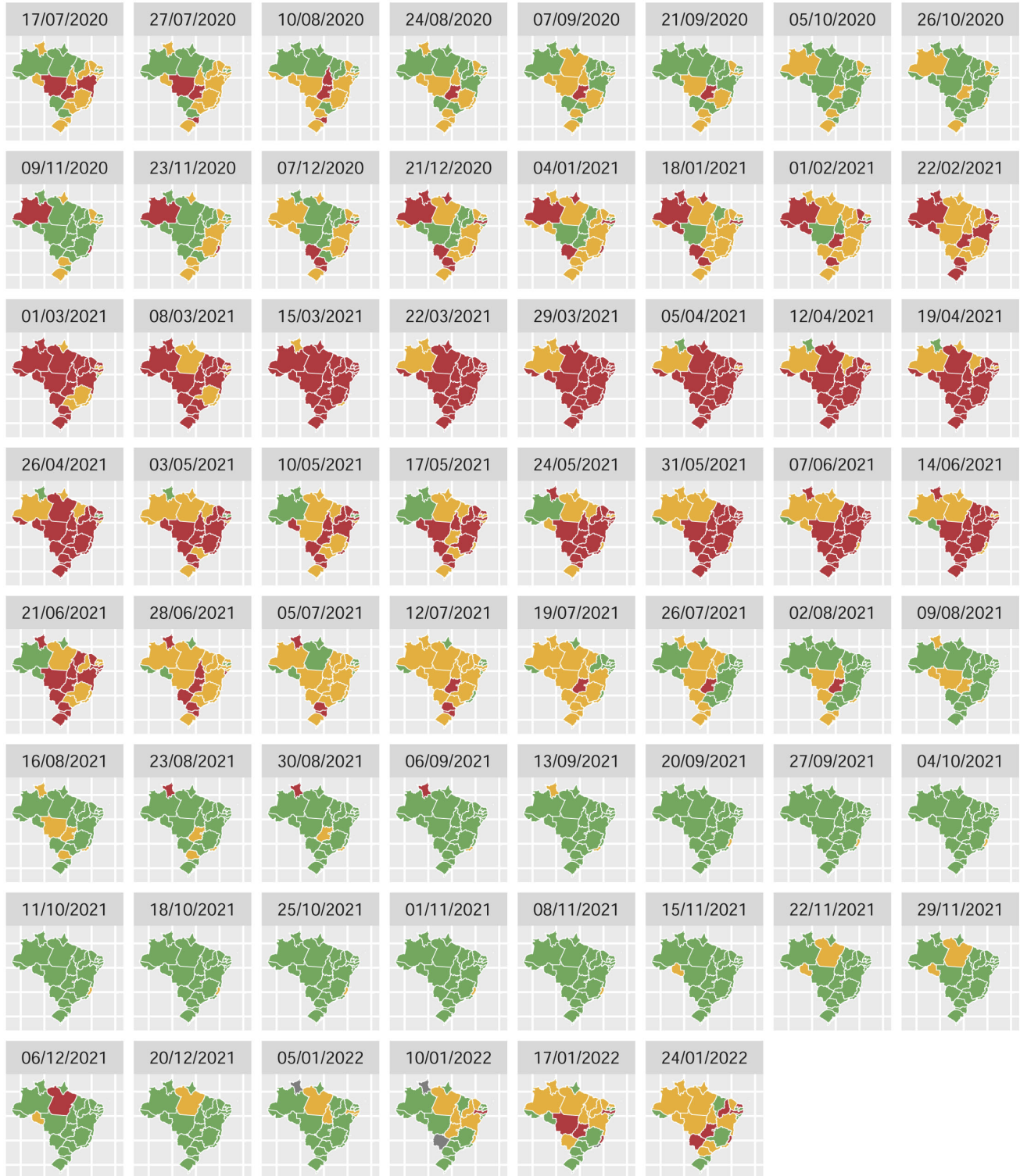
Quanto à cidade do Rio de Janeiro, esclarece-se que a taxa aqui apresentada foi obtida a partir de dados do painel da Secretaria Municipal de Saúde, considerando um total de 486 leitos de UTI SRAG/Covid-19 para adultos não bloqueados, entre os quais 10 disponíveis, 274 ocupados por pacientes com Covid ativa, 38 por pacientes pós-Covid e 164 com outros diagnósticos. Em comparação aos dados providos pela Secretaria Estadual de Saúde, que registra 488 leitos e uma taxa de 77% de ocupação na capital fluminense, nota-se que o número de leitos aproximadamente coincide, mas a taxa difere significativamente, o que pode pôr em xeque a própria taxa do estado. Por fim, sublinha-se ainda o caso do Rio Grande do Norte, onde se computa a taxa de ocupação de 83%, sendo 68% por Covid-19 e 15% por outras causas.

Não se pode ignorar que o quadro está piorando, apesar de estar claro que o cenário com a vacinação é muito diferente daquele observado em momentos anteriores mais críticos da pandemia, nos quais se dispunha de muito mais leitos. O que se coloca é que, com a elevadíssima transmissibilidade, mesmo uma proporção muito menor de casos gerando internações em UTI incorre em números expressivos. Pessoas que já receberam a dose de reforço são pouco suscetíveis a essas internações, embora comorbidades graves ou idade avançada possam deixá-las vulneráveis.

Entretanto, há ainda uma proporção da população que não recebeu o reforço e assim fica mais suscetível a formas mais graves da infecção com a Ômicron e, principalmente, há uma parte da população não vacinada, muito mais suscetível. Em pleno verão, são comuns os registros de aglomerações, a negligência com o uso de máscaras de boa qualidade, bem como o desrespeito à necessidade de isolamento por tempo adequado na ocorrência ou suspeita de ocorrência da infecção.

É fundamental empreender esforços para avançar na vacinação e controlar a disseminação da Covid-19, com o endurecimento da obrigatoriedade de uso de máscaras e de passaporte vacinal em locais públicos, e deflagrar campanhas para orientar a população sobre o autoisolamento ao aparecimento de sintomas, evitando, inclusive, a transmissão intradomiciliar.

Taxa de ocupação (%) de leitos de UTI Covid-19 para adultos



Alerta ■ Baixo ■ Médio ■ Crítico

Nota: Os estados de MS e RR estão com a cor cinza pela ausência da disponibilidade de dados no dia da coleta

Taxa de ocupação (%) de leitos de UTI Covid-19 para adultos

